

ÓSCAR MANUEL DE CARVALHO

**Plenitude
da morte
ao contrário**



134.3-1Carvalh
R

1990

na pintura do autor

Para a Biblioteca Municipal
de Garceps em nome do nosso
Filho Oscar Jansen, oferecemos
os fais.

João-José e Oscar

Plenitude da morte ao contrário

ÓSCAR MANUEL DE CARVALHO

Plenitude da morte ao contrário



Barcelos
Perm.

BARCELOS — 1990

Para ti, querido e adorado filho que eras tão bom, puro e verdadeiro, tão diferente desta sociedade hipócrita, podre e corrupta que não tem lugar para pessoas sensíveis como tu. Tanta coisa linda nos deixaste! Tu vives em cada tela que pintaste, em cada poema que escreveste e, acima de tudo, viverás eternamente no coração dos teus pais que tanto te querem e quem tu tanto amavas.

OS PAIS
Maio/88

«A paixão é o único critério de existência.»

Feuerbach

I

Na montanha debaixo dos
meus pés

Senti que tu eras
um perfume

suave
uma atmosfera

uma tortura visual

(1983)

ELE MESMO COM LUCÍLIA E SOL

E eu depois conto-te
tudo sobre os anos incontáveis
sobre a luz que brilha e a clareira
calma.

E dos cinco duendes
da praça dos faunos
e da...

Ai como ela brilhava no «el dorado»
de um «soutien» sem costumes
de baleia.

E depois conto-te
da lorca
na paixoneta mágica dos elefantes.

— Mira!

— Mira!

Na hipotenusa da Galiza
ouve-se a voz que diz — Bem hajam —

e expira no chão dos deuses
que
encontrámos atrás dos sinais
da cruz.

E rinocerontes passeiam-se
na África
na África.

E depois conto-te
castelos feudais
no sacramento dos aneis
metais antigos
no vermelho que me contaste
da galei medieva
nos campos de trigo mal ceifado
pela semi-obscuridade agreste
pelos cometas de cortiça
pelos buracos dos mosquitos
às agruras dos tempos condenados.

E depois conto-te

como nós enfeitávamos
o momento mágico
e
concretizávamos o beijo
quando as nossas bocas
comiam conjuntamente
a fatia linda da lua
macia e líquida
de um branco de luz
fluído na relva.

E depois conto-te
quando o gato estava no verde
e fugiam por nós saltimbancos
e as carruagens do destino
encheram-se de mundo
e os verbos ficaram sem tempo.

Ah!... O cacau rejuvenescia
de castanho
e
os poros da tua pele

segregam o bálsamo
que acolhe os raios de sol.
E os teus seios escondidos
recolhem em nós
o abraço dos deuses.

E é assim
que eu abro o espírito
e o coloco nas mãos
que se cruzam
nas minhas-tuas ideias
que se mostram novas.

E é com estas mãos
que te acaricio os lábios
e te moldo o corpo
na comunhão do silêncio
esquecido.

E depois conto-te
na quietude aquática
no banco natural e imprevisto

desta relva em que nos sentámos
e
em espírito e corpo
tocámos os traços do sensível
na mensagem do vento
e rejeitámos o frio púdico
que nos acossou outrora
e libertámos os nossos corpos
do tempo dos
 outros
e ficámos aqui
na contemplação mágica
daquilo que acontece
que se vê quando se quer
e acredita.

Primavera de luz (1983)

IÓNIS

Risco em palavras
escuras
às listras de que te
ofereço

O cigarro vai longo
na mulher que se esfuma
no ventre carregado
na manhã que surge diferente

A Terra
o espírito convence
ou degenera
passatempos ferozes
na eloquência dos tempos

Nos lugares perdidos
nasce-se com cores
que não se negam
e «a coisa de existir»
é o trabalho das pessoas

Jamais se preocupavam os homens
E existiam sem pensar nisso

(1983)

LU(Z) EM CAMPOS DE PRIMAVERA

Os candeeiros esvoaçam na manhã sem agasalhos
dos vidros partidos que salvam os tempos
no corte a diamante
do tablado da mesa
que não existe e
se imagina

O chão cresce tanto
que se nega
no ponto de encontro
de um tecto que
se quer infinito

As flores crescem
e são arrancadas para murchar
Admiram-se numa jarra
num prazer inconsciente
de olhar até morrer

Ante-fim de uma estação
perigosa

(1983)

SÓ

No rosto só com lágrimas
no chão do rosto
ao encontro de sombras
perdidas pelo tempo
na fluidez nua da água
viscosidade oculta da terra

Rio a traço de amargura

No rosto que espera as estrelas
com sangue doido de tédio
um coração bate
mais que segundos de ansiedade

(1983)

AMÁLGAMA

Segura ou incerta madrugada
retribuo fálica a ferida

(Re)nasce o dia

Emaranhados

Os cabelos O húmus

O aroma O sexo

a carne na curva fremente
a pele suave
que acorda nua

Os olhos sonharam a noite
e o sol transpira calor
nas colinas

nos seios

deste novo dia

(1983)

TRAJECTO

Sediada A virgem
recalcada Retroactiva

E os homens
sedentos de curvas

O café
O caminho A espera
a casa
vazia

No espírito
um continente
despovoado de rostos

Nas janelas
apenas fantasmas

(1983)

RAIO-X

Esta a voz A pedra distraída
o raio que trespasa a serpente
O ovo O mamilo firme

Fecundos os seios
de povoados & axilas

As ideias em corpo
ao vento
 circundado
da alegria
das manchas de luar

(1983)

A-VARIAR Cenografias (Muitas)

Na mentira do icon
floresce uma ave parda
no sopé da noite

A lua esgota-se quase
assim —... —

Os idiotas percorrem
ruas calcetadas no calor
dos «drugstores»

Assim não se pode realizar
a verdade das fábulas
na notícia do pombo

Encontra-se quase sempre
um caminho na abóbora gigante

Cai o pano
Um chapéu de chuvas oblíquas inunda
Um bar camuflado

Cartas vão
Cartas vêm
Cartas vêm-se

Cartas descrevem círculos concêntricos
no grito do NADA
Nascem fusiformes
São peixes esguios
na masturbação dos helicópteros

E assim dançamos
em alvoradas de plástico...

Vestimos casacos medonhos
ao encontro das paredes
vazias

Cantámos curvas de cangurus

Fugimos macacos lestos

Aventurámos sémen

E rimos...
E rimos!!??

(1983)

POETA FOLHA — POEMA DE PAPEL

Hoje estou aqui
Sou
O papel é branco
e não sou
A tinta observa-o preta

Sinto que afinal Era
E a tinta tem uma ejaculação
quase eterna
que mata os contrastes
no contraste de si

Percorro uma infinidade de linhas...
Uma eternidade
na folha de papel aprisionada
por estas mãos
espirituais mas conscientes

Porque tu folha
já foste (eu conheço-te bem)
a madeira que me aqueceu o coração

E a ti confio a verdade poética
que te injecto em doses
de amor
e ódio
em noites brancas como tu

(1983)

II

PRIMÍCIAS POÉTICAS

NaturUtopia

Salva-me

Dos escaravelhos
das baratas e beatas
de deuses e diabos
e do raio que o parta

Do verbo TER
do consumo gratuito
do não-ser SER

Da paranóia colectiva
dos engenhos nucleares
da guerra e da fome
dos massacres milenares
da rotina da vida
dos falsos juízos e
dos maus profetas
da estupidificação massiva

Escuta natureza bravia
réstia de esperança

e

fugidia

Salva-me

até
da tua própria monotonia...

(1981)

Ida sem volta

As asas do meu espírito
estão cada vez mais cansadas,
cansadas, cansad...

De súbito
já sem asas
só espaço
para não mais voltar
à terra do cansaço.

(1981)

A UM AUTOCARRO

Dentro de ti sinto-me uma
salsicha enferrujada pela
lata que és.

Sabes?

Não passas de uma lata,
uma lata ferrujenta...
de salsichas podres e contaminadas
às vezes

apetecíveis

lascivas

sensuais

outras

enfadonhas e fétidas

És um AUTOCARRO
um autocarro do Porto
abominável império
das cidades-salsichas.

És um «transporte colectivo»

SABIAS?

Não! tu não sabes nada.

Cala-te!

Ó desprezível monstro
transportador de máquinas sentimentais

E eu preciso de ti

Nós precisamos de ti

É terrível
Terrível...
Mas deixa lá
Esquece...
e sê benvindo
ao mundo das
Marionetes!

(1982)

A quadra da criação

O mistério da criação
surge historicamente
a partir do pontapé
que se dá no cú da gente

(1982)

Na mesa da VIDA
Tomei com DEUS
A bebida da MORTE

Poderá alguém esperar melhor sorte?

(1982)

Memórias de um quarto só
cheio de mim

Preparo a minha morte
na solidão fria do quarto,
do quarto, do quarto...

A bala que disparo sobre mim
levará anos a cumprir o seu trajecto.

A realidade é uma sala de espelhos mentirosos
escondida no ventre dissecado de uma raposa
[antiga
de dimensões indetermináveis

Um quarto
é um conjunto de
quatro paredes e um tecto
e é lá que penetro
no ideal ascético

Sou uma gota de suor
A VIDA... é uma coisa difícil de suportar.

(1982)

Metamorfoses (I)

O jazz invadia as paredes loucas
do quarto

orgásmicamente

enchia-me de luz

e projectava-me em planetas de cera

água

luz

e cor

de forma subtil ou violenta

e eu ejaculava estrelas místicas e indescritíveis

E na luz velada do quarto

fizera amizades com o Além

através de Plutão

logo após ter acariciado Vénus

e com ela ter dançado

nos aneis de Júpiter

Na volta

perdi-me

no meio de seres fantásticos

de forma oblonga e cabelos de néon

Observado à luz de pirilampos cósmicos

de repente quase sem me aperceber

transformei-me numa estrela cadente

Metamorfoses (II)

Fugi lesto
de feiticeiras de palha
vestidas de morte
que me interpelavam abruptamente

Bonecos de olhos-metrelhadoras
disparavam-me raios de ódio-laser
e eu
eu...
...tornava-me num imprevisto buraco negro
no corredor da via-láctea

Seres de todas as galáxias
bombardeavam-me impiedosamente
Mas com sagueza e arte
numa bactéria me tornei

Feita a propaganda do meu novo estado
reflecti o pânico em que me encontrava

(1982)

Na ciana atmosfera

Beijei núvens de sémen
despejadas pela fábrica do Amor

Amei a Lua na ponta do óculo
e os gatos miavam nos contentores do lixo

Pássaros fantásticos arrulhavam na floresta frondosa
e eu

vestia a casaca lírica que um poeta me emprestara
e tomei lugar no comboio do Além
com a teoria do cronotopus encerrada numa mala

Acatei os conselhos do profeta
Mudei-me para a terra de Ninguém

(1982)

Da música

Da clareira do bosque
erguiam-se
violinos singulares saídos do nada
e preenchiem o verde
com notas eróticas
penduradas nas árvores

As núvens...

essas
tomavam forma de mulher fatal
e tocavam harpa e cítara com mãos
principescas

Nas águas do lago
uma criança descalça
sublimava tudo aquilo
com sua flauta.

Música e natureza

vestiram os seus melhores trajes
e casaram-se no templo mais próximo.

(1982)

Da areia

Mar, mar...

Assim

Só.

Mar nocturno e impenetrável

Os olhos observadores

vogam com as ondas
em antigas e brancas barbas
de um velho, sempre velho
que

sempre

existiu.

(1982)

A filosofia de um sorriso
a corda de um brinquedo
rato mecânico simpático e matreiro
E neste espaço
contemplámos a noite longa de Verão
com um desejo-animal à flor da pele
que faz despontar os mamilos firmes
de uma mulher qualquer

Num bar distante vultos bebem
até se chatearem
de ser

Vulgar
Tudo vulgar

E o sorriso morre no pensamento de si

(1982)

Espero a esperança outra vez
como um rato de laboratório
ou um cão de Pavlov

Olho para o relógio e
vejo-me no espelho com um rosto antigo
de pré-histórico que se espanta com um dinossauro
Um dinossauro pequenino...

E o miúdo folheia uma vez mais
um continho de contar

Sabem que a Lua só aparece quando ninguém está
[a ver?

(1982)

Sabiam que os olhos têm alma
e despedem sentimentos de velas muitas
e pensam e choram
e riem e olham
e vêem também?

Os olhos pensam por mim
Os olhos pensam por nós
Os olhos pensam-se

E sabiam que os olhos
não têm bilhete de identidade?

(1982)

PERFOMANCE

Saio para a rua
e os paralelos espiam os meus passos

Faço revirar cabeças
quando os meus seios desafiam a água do mar
Sou uma adolescente Solar
«Caliente»

Da areia da praia
faço grandes barcos
e remo sexualmente até à adolescência

Apetece beijar a minha imagem
As águas do lago parecem não mentir

Martelam-me cá dentro
— se páras afundas-te lentamente
É que sou um pouco inexperiente
em terrenos pantanosos...

Descolo a cabeça do sofá
espreguiço-me
e ponho um cigarro mecânico
nos meus lábios (soberbos) de coral

Amanhã sou vencida
por mais um ano que passa
súbito
repentino
amaldiçoado

Sou uma grandessíssima
burra
parva
inútil
...prestes a atingir
um chorasmo...

Folha do diário íntimo de uma colegial que luta
desesperadamente para não pôr mais ovinhos pela
sua vidinha fora. (Nota do visionário)

(1982)

Voçês-talvez...

Voçês sabem dos passos taciturnos
tecidos no preto
Da solidão do arroz
Do espírito fecundo
Da gioconda
Do giro girado
Dos sapatos-come-LUA
Da empatia do simpático
Da filosofia
Da fadiga genesíaca
Da polia que corria
Da sedielas fina
Do Absurdo vestido
Das ideias
Da idiotia
Do cão mágico e do mágico cão
De classificações
De usurpações
De desclassificações
De rótulos de frascos
De caixas de adjetivos
De obuses
De matraquilhos
De palhaços e palácios
De reies de mil reis
De povos flautitantes
De livros de lanterna mágica
De sépia sanguínea
Do mal e do bem

Do feio e do belo
Da fêmea e do macho
Da aventura da loucura
Do ócio
Da «gralha»
Da poesia

Da origem
De todos os etecéteras
Do número 1
Vocês sabem...

Vocês???!!!... (Muitos Pontos)

(1982)

Projecção poética
de uma unidade plástica

Figuro-te na não-dimensão
Banho-me na cobra-utopia

Jamais te buscarei
na solidão
de aço

Engulo-te em véus ocultos
levanto umas pontinhas

(Re)produzo-te na angústia do laço vítreo

Riposto...

Farei jogadas impensáveis
loucas

Deixar-me-ei na aventura

Consciente ébrio-consciente activo

Viva...
que vivo.

Verão (1982)

ÍNDICE

I

Na montanha debaixo dos pés	9
Ele mesmo com Lucília e sol	10
Iónis	15
Lu(z) em campos de primavera	16
Só	17
Amálgama	18
Trajecto	19
Raio-X	20
A-VARIAR Cenografias (Muitas)	21
Poeta Folha — Poema de papel	23

II

Primícias poéticas

NaturUtopia	27
Ida sem volta	28
A um autocarro	29
A quadra da criação	31
Na mesa da VIDA	32
Memórias de um quadro só cheio de mim	33
Metamorfoses (I)	34
Metamorfoses (II)	35
Na ciana atmosfera	36
Da música	37
Da areia	38
A filosofia de um sorriso	39
Espero a esperança outra vez	40
Sabiam que os olhos têm alma	41
Perfomance	42
Vocês — talvez	44
Projecção poética de uma unidade plástica	46

Composto e impresso na Empresa do Diário do Minho — Braga

N.º de Registo — 19.811/90



Óscar Manuel de Carvalho

Nasceu em 20 de Julho de 1961, em Barcelos, filho de Óscar da Silva Carvalho e Maria Luísa Paula Gonçalves de Carvalho

Faleceu a 18 de Fevereiro de 1988

Completo o Curso dos Liceus em Barcelos

Cursou o 1.º ano de Direito na Universidade Livre

1983/87 — Estudos no Curso de Artes Plásticas/Pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto

PARTICIPAÇÃO EM EXPOSIÇÕES:

Dusseldorf 84 (Pintura)

Museu da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP). 1984

Exposição «Jovens Pintores», Ministério da Cultura/Gale Negreiros, Lisboa-1985

Desenho — ESBAP 85, PORTO

Exposição Sala do Turismo da Póvoa de Varzim — 1987 —

biblioteca
municipal
barcelos



16784

Plenitude da morte ao contrário